

ENCONTROS PARA ALÉM DA HISTÓRIA

SEX 12 JAN, BLACK BOX, 15H-19H
SÁB 13 JAN, HALL CIAJG, 15H

Lotação 100 lugares

Inscrição gratuita até ao limite da lotação da sala.

A inscrição poderá ser efetuada no CIAJG - Centro Internacional das Artes José de Guimarães ou no site www.ciajg.pt através do formulário disponível online.

Para mais informações, contacte-nos através do tel. 253 424 715 ou do e-mail encontrosparaalemadahistoria@aoficina.pt

O NASCIMENTO DA ARTE (d'après Georges Bataille) uma curadoria-coreografia que cruza pensamento, palavra e performance num movimento contínuo e sincrónico

com
eglantina monteiro mariana caló & francisco queimadela mumtazz & antónio poppe laetitia morais
rui toscano pedro tropa sei miguel em trio francisco janés carlos poças falcão antónio martinho batista
tomás maia joão pedro vaz

e textos de
georges bataille jean genet jean-pierre bertrand j.m.g. le clézió nuno faria e carlos poças falcão

Um traço de luz quebrado, que lembra a trajetória de um relâmpago, não pára de dar ao percurso incerto da História uma espécie de magia.

(Georges Bataille em *O Nascimento da Arte*, Edição e tradução de Aníbal Fernandes, Sistema Solar)

Nesta sexta edição dos *Encontros para além da História* reunimos um conjunto de autores de vários campos do conhecimento e formas de expressão artística para, em torno do livro de Georges Bataille, *O Nascimento da Arte*, refletir sobre o exercício de uma arte sem tempo, sem geografia e para além da História. Com os *Encontros* temos vindo a desconstruir os protocolos e os formatos de instâncias como a conferência ou a exposição, expandindo as possibilidades performativas, poéticas e políticas do encontro enquanto momento único de partilha, de escuta e de reflexão.

Os *Encontros para além da História* tomam e prolongam o nome da exposição inaugural do CIAJG, que mais do que um título era o mote conceitual que deu origem ao Centro. São encontros de caráter anual que criamos no seio do programa conceitual e curatorial do CIAJG como forma de expandir e de mapear as forças, a potência, mas também os limites, as transgressões e as fragilidades da nossa ação, em suma, uma instância onde promovemos o debate crítico em torno de questões operantes do CIAJG. É decisivo inscrevermos na nossa programação um espaço de retorno crítico sobre a nossa própria atividade, sobretudo porque baseamos a nossa

programação em áreas de fronteira e em temas sensíveis, potencialmente fraturantes. A partir do momento em que pomos em causa a integridade de territórios disciplinares, princípios históricos ou em que lidamos com objetos carregados de significados que vão bem para lá da dimensão estética, como é por exemplo o caso da coleção de arte tribal africana, que convoca obviamente a questão da memória do colonialismo e de tantas problemáticas a ela associadas, é judicioso inscrever na nossa atividade os mecanismos críticos e auto-críticos que a possam balizar e sustentar.

Nuno Faria (curador)



Sentados a uma mesa, no fundo da gruta de Lascaux, sob a iluminação de projetores fotográficos, Albert Skira (à esquerda) e Georges Bataille (à direita), acompanhados das respetivas mulheres, trabalham na elaboração da obra "O Nascimento da Arte"

e Pedro Tropa, Antena, Sim Zdb, 2016.

SEX 12 JAN, BLACK BOX, 15H-19H

LAETITIA MORAIS A LARGADA

No âmbito dos *Encontros para além da História*, a Largada é um desenho-instalação, cujo caráter transitivo e estiramento longitudinal, comporta a ocorrência do evento. A partir das considerações de Bataille em torno das gravuras de Lascaux, em especial, a cena do poço, este desenho reencena uma figura disforme, um verdadeiro ou falso, e um momento especulativo entre um animal ferido e um homem inanimado... A largada trata não só do abandono do animal no humano, mas também do arrebatamento artístico enquanto rito de passagem. Neste gesto primeiro, adivinha-se o círculo, a presença coletiva e a celebração. A animalidade e o não-saber parecem ser apenas consentidos, até aos dias de hoje, em estados de transgressão.

Artista plástica, formada pela FBAUP e atual investigadora na ZHDK e Kunstuniversität Linz. Estratégias de encenação do fugaz e do volátil são motivos recorrentes do seu trabalho, que assume formatos como o vídeo, o desenho e a instalação. Apresentou trabalhos em galerias e eventos, dos quais se destacam Galeria Faticart, Roma; General Public, Berlim; Rewire, Haia; Peacock Art Centre, Aberdeen; Ellyphilharmonie, Hamburgo; Störung, Barcelona; Bienal de Cerveira, Cerveira; Cynetart, Dresden; EME, Palmela; Mózg, Bydgoszcz; Galeria Fábrika Features, Lisboa; Mota Museum, Ljubljana; EIF, Nova Lorque; Galeria M. do Porto, Porto e CIAJG, Guimarães.

TOMÁS MAIA O SURGIMENTO DO SAGRADO (SEGUNDO BATAILLE)

Breve aula sobre o surgimento do sagrado, em Georges Bataille, e, muito em particular, tal como é pensado no livro *Lascaux ou la naissance de l'art* (de 1955).

Licenciatura em Artes Plásticas-Pintura (FBAUL), Doutoramento em Filosofia (Université Marc Bloch, Estrasburgo). Última obra: *Clamor* (2014), com Rita Roberto. Último livro publicado: *O Olho Divino. Beckett e o Cinema* (Lisboa, Documenta, 2016).

EGLANTINA MONTEIRO ARTE DA PRÉ-HISTÓRIA: NEM EVOLUÇÃO NEM COMPARATIVISMO

Em 1940, durante a ocupação nazi, quatro adolescentes descobriram as grutas de Lascaux. Desde então muitas outras manifestações da arte pré-histórica surgem em todos os continentes: África do Sul, Namíbia, Zimbábue, Argélia, China, Peru, Texas, Austrália, fazendo com que neste momento haja um corpus com milhares de representações, o que, diga-se, não ajuda à sua compreensão. Pelo contrário, o clima e os modos de vida são muito diferentes em cada um dos lugares, e as datações vão do Paleolítico a períodos muito recentes, descartando a possibilidade de os comparar entre si. As pesquisas sobre as primeiras manifestações da arte dificilmente resolverão a questão do seu sentido, mas aproximam-nos dela e daqueles que os produziram, o que não é menos perturbador. Mais, os seus métodos são suscetíveis de serem aplicados à arte do presente.

Eglantina Monteiro, antropóloga, curadora, ativista, vive e trabalha em Castro Marim onde dirige a Companhia das Culturas. Entre 1984 e 2000, foi professora de antropologia da arte na Faculdade de Belas-Artes do Porto. Tem atividade na área da antropologia da arte com trabalho de campo na Amazônia brasileira, Bijagós, Guiné Bissau e Serra do Caldeirão, Algarve.

MARIANA CALÓ & FRANCISCO QUEIMADELA A TRAMA E O CÍRCULO

Realização, Fotografia, Montagem, Produção: Mariana Caló, Francisco Queimadela
Som: Jonathan Saldanha
Coprodução: Lo Schermo dell'Arte Film Festival (IT)

Ao longo de vários meses, Mariana Caló e Francisco Queimadela recolheram testemunhos de diversas práticas relacionadas com o labor, o ludismo e outras atividades quotidianas assentes no conhecimento empírico. Estabelecendo relações intuitivas entre gestos concretos e substâncias, experiências

sensoriais e o pensamento analógico, os autores procuraram criar um filme fragmentário imerso na ideia de transformação da matéria, gerando um movimento concêntrico que se metamorfoseia ao longo do trabalho. Através de uma sequência de diversas atividades, soluções e habilidades quotidianas o espetador é conduzido por uma série de conexões num jogo de ações recíprocas entre formas de magia, prazer, geometria, simbolismo e labor.

MARIANA CALÓ & FRANCISCO QUEIMADELA NASCENTE

Fazendo uso de uma linguagem experimental e mediúncia manipulam-se imagens e sons provenientes de exposições, catálogos, conversas, que tiveram lugar no espaço do CIAJG, provocando recombinações de tempos, contextos e origens. Esta curta-metragem resulta de um processo de residência artística desenvolvido em proximidade com o programa e o prisma curatorial do CIAJG. Nesta edição dos Encontros para além da História será apresentada uma versão em processo do filme.

Mariana Caló e Francisco Queimadela vivem e trabalham no Porto. Licenciaram-se em Pintura pela FBAUP e colaboram enquanto dupla desde 2010. A sua prática é desenvolvida através de um uso privilegiado da imagem em movimento, interestando ambientes instalativos e *site-specific*, mas também o desenho, a pintura, a fotografia e a escultura. Apresentaram o seu trabalho em diversas exposições, mostras e festivais de cinema nacionais e internacionais.

MUMTAZZ & ANTÓNIO POPPE NÃO HÁ NADA MAIS VISUAL QUE O SOM

Dueto entre fita magnética com áudio colagens de HILÁRITAS e Voz, Poesia memória em fratura exposta. A DiJai e Remoremo Moxi o besouro titã da Amazônia

MUMTAZZ nascida em Lisboa, a artista fez o curso avançado de desenho no Ar.Co e o mestrado na School of the Art Institute of Chicago, como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2017, realiza no Centro Internacional das Artes José de Guimarães a exposição antológica *Hilaritas - Ascensor d'mente*.

António Poppe nasceu em Lisboa, estudou no Ar.Co (Centro de Arte e Comunicação Visual), e no Royal College of Arts em Londres e na School of the Art Institute of Chicago. Nesta última instituição, obteve o Mestrado em Arte Performativa e Cinema. Em 2000, a Assírio & Alvim editou o livro de poema-desenho *Torre de Juan-Abad*, tendo acolhida na respetiva livraria uma exposição com os desenhos/manuscrito do livro. Em 2012, a Documenta publicou o *Livro da Luz*, contendo o fac-símile do manuscrito e um CD com o poema gravado e acompanhado pelo músico Guineense Iba Galissa; em 2015, a Douda Correria editou o poema *'medicins'*, e em 2017, *'Come Coral'*. Para além dos recitais, expõe e ensina desenho e meditação, tendo ultimamente realizado exposições no Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em Guimarães, na Galeria ZDB e na Galeria 111, em Lisboa.

RUI TOSCANO NEBULOSAS

Investigação em torno do universo da exploração espacial, com um particular foco nos mecanismos da percepção no domínio da cosmologia, numa perspetiva histórica, científica e ficcional, está na base do corpo de trabalho que tem desenvolvido em anos recentes, tal como foi mostrado na exposição *Civilizações de Tipo I, II e III* (MNAC - Museu de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa, 2015; e CIAJG - Centro Internacional das Artes José de Guimarães, Guimarães, 2016).

Rui Toscano (Lisboa, 1970) estudou Pintura e Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e no ARCO (Centro de Arte e Comunicação Visual) em Lisboa. A sua prática artística comporta uma multiplicidade de linguagens que vão do desenho à pintura, ao vídeo, escultura ou instalação multimédia. O seu trabalho está representado nas coleções do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Caixa Geral de Depósitos, Fundação EDP, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, entre outras.

PEDRO TROPA QUASE MEIO-DIA

Desenhei esta pequena peça sonora a partir de cento e vinte gravações individuais que recolhi nas falésias do Cabo Carvoeiro e no planalto da Serra da Estrela. Gravações muito breves de pedras, rochas e areias que caem, embatem e resvalam, brilham. A composição destas gravações constitui, a um passo de ser uma imagem, uma derrocada. Uma derrocada contida e seca, com um sentido ou destino estilizado: "É só arte e mecanismo..." E se estamos a um passo da imagem desligamos as luzes e deixamos, de cada vez que ela entra em cena, uma luz vermelha de segurança.

Paul Celan; O Meridiano (1960)Cl. Leonce und Lena, Acto III, cena 3.

PEDRO TROPA ANTENA

Esta antena discónica, feita com duas figuras geométricas simples – um disco e um cone, desenhados por hastes metálicas – está preparada para ser uma coisa que ouve e escuta. Radiações, ondas de baixa frequência. Mas isto só acontece em campo aberto ou no alto de um monte. Aqui, dentro do museu, é uma figura de tudo o que está para vir, dessas grandes ondas que vagueiam o espaço e dos seus sinais radiofos. Antena-escultura em potência, que o mesmo é dizer, resistente.

Pedro Tropa nasceu em Santarém. O artista foi finalista do curso avançado de Artes Plásticas Ar.Co, Lisboa. Em 1997, foi bolsista do Ar.Co / Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento / Ministério da Cultura na School of The Art Institute of Chicago. Ainda nesse ano e em 2004 foi bolsista da Fundação Oriente. Pertence desde 2009 ao grupo de artistas da Galeria Quadrado Azul. Atualmente é professor e responsável do departamento de Fotografia do Ar.Co.

JOÃO PEDRO VAZ

Vinda de um tempo imemorial e de uma paragem remota, emergem em *voz-off* um conjunto de fragmentos ditos por João Pedro Vaz. São vozes que ecoam um passado extemporâneo e anacrónico e que nos chegam com a urgência e a potência de um tempo que sentimos como nosso.

João Pedro Vaz nasceu no Porto em 1974. Iniciou-se no TEUC (Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra) em 1993; Foi cofundador e codiretor da ASSÉDIO (Porto) entre 1998 e 2001. Foi diretor artístico das Comédias do Minho de 2009 a 2016. É diretor artístico do Teatro Oficina em Guimarães desde 2017. Ator desde 1994 e encenador desde 2000.

SEI MIGUEL EM TRIO VEÍCULO

Sei Miguel toca o seu trompete (de bolso) com consciência plena da história do jazz, permanecendo aberto a ilimitadas fontes e possibilidades sonoras; *Veículo* é uma reorquestração reorquestração transparente de um octeto para trio, revista de múltiplas singularidades onde o espaço e o tempo, silêncio e timbre são combinados em composição. Nesta apresentação terá a seu lado, como habitualmente, Fala Mariam no trombone de varas e, uma voz nova nas formações, como João Silva, na percussão.

Sei Miguel nasceu em Paris. Viveu no Brasil e em França até radicarse em Portugal nos anos 80. Ao longo de quatro décadas – enquanto diretor e arranjador – foi aperfeiçoando um sistema musical próprio, que lhe permite levar peças detalhadas a um estado de rigor assinalável. Discografia mais recente em colaboração com Editora Clean Feed: *Esfingos/suite for a jazz combo* (2010), *Salvation Modes* (2014), *[Five] Stories Untold* (2016)

FRANCISCO JANÉS AVISTAMENTO

Se eu caminhar ao longo da costa em direção a um naufrágio, e a chaminé ou os mastros do navio se fundirem com a floresta que rodeia a duna, haverá um momento em que estes pormenores subitamente se tornam parte do navio, indissolivelmente fundidos. Quando me aproximei, não discerni parecenças ou proximidades que finalmente se uniram para formar o desenho contínuo do topo da embarcação. Senti apenas que a visão do objeto

atingira quase o ponto da transmutação, que algo estava iminente nesta tensão, tal como uma tempestade está iminente em nuvens de tempestade. *M. Merleau-Ponty*

Francisco Janés é um realizador e artista português cujo trabalho cresce em torno do som. Estudou língua e literatura mas cedo se descobriu afeto ao entendimento próprio da experiência e dos lugares. Concluiu os estudos em fotografia na Ar.Co em Lisboa em 2007 e foi Bolsista Ernesto de Sousa em Nova Lorque em 2008. Tem mostrado as suas instalações e filmes desde então. Concluiu o mestrado de cinema na CalArts em Los Angeles em 2012. Vive hoje a maior parte do tempo em Vilnius, onde está a terminar a sua primeira longa-metragem.

CARLOS POÇAS FALCÃO LEITURA: JOÃO PEDRO VAZ ARTE NENHUMA

Leitura, de corpo presente, de um conjunto de poemas da autoria de Carlos Poças Falcão pela voz de João Pedro Vaz, oriundos do livro *Arte Nenhuma*, uma recolha da produção poética do autor.

Carlos Poças Falcão nasceu de Maria da Assunção e de Arnaldo Alberto no dia 27 de outubro de 1951, em Guimarães. Nesta cidade tem vivido e sido provado, nela casou e foi pai, nela viu morrer quem muito amava e renascer o dom do amor. Estudou em Coimbra, onde cursou Direito, após o que derivou pela advocacia durante alguns (poucos) anos, até que, de mal com o mester e com duas úlceras nervosas, se meteu a professor, atrevendo-se a ensinar. Entretanto, foi lendo tudo o que podia, escutando e vendo, conversando, interrogando, sempre com o maior cuidado com a língua, a ponto de presumir que estava bafejado para escrever – e poesia, sobretudo.

ANTÓNIO MARTINHO BATISTA O VALE DO CÔA E A ARTE DAS ORIGENS EM TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Revelada a partir de 1994, a arte rupestre do Côa enquanto Arte da Luz, contribuiu para a introdução de um novo paradigma no estudo do pensamento simbólico do homem fóssil. Com efeito, a arte paleolítica europeia, que até então parecia confinada ao ambiente subterrâneo das cavernas decoradas, tornou-se ela também uma autêntica arte da luz e dos espaços abertos. Com uma cronologia longa de pelo menos 25.000 anos BP, as características de estilo e da seleção dos espaços decorados, mas também a grande qualidade estética dos sítios rupestres do Côa, assinalam ainda hoje uma evidência da organização do espaço aberto do vale através das inúmeras decorações rupestres que constituem afinal uma verdadeira instalação artística na paisagem ribeirinha, conjugando a geomorfologia com o ordenamento figurativo rupestre que utilizou os grandes paredões verticais de xisto como suportes preferenciais. Os grandes herbívoros figurados na arte do Côa (cavalos, auroques cabras e cervídeos) e que totalizam a maior parte das decorações rupestres, constituem afinal uma metalinguagem cujo significado mais profundo só será verdadeiramente compreendido enquanto componentes de um pensamento simbólico a partir do qual se monumentalizou artisticamente o espaço aberto do Baixo Côa.

António Martinho Baptista, licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, arqueólogo e pré-historiador de arte, antigo bolsista na República Federal da Alemanha, foi professor convidado de arte pré e proto-histórica da Universidade do Minho, antigo diretor do Centro Nacional de Arte Rupestre e do Parque Arqueológico do Vale do Côa e do Museu do Côa. Foi durante anos responsável pelo estudo da Arte do Vale do Côa. Realizou inúmeros estudos sobre a arte pré-histórica da Península Ibérica.

SÁB 13 JAN, HALL CIAJG, 15H

LANÇAMENTO DE NOVAS
EDIÇÕES DO CIAJG
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO
SONO DE RUI NORTA PEREIRA
GABINETE DE DESENHO, PISO 1,
COLEÇÃO PERMANENTE